



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

Competências didático-pedagógicas do professor universitário: um diferencial para a qualidade da formação profissional dos bacharéis de turismo ¹

Gilberto Rosa Junior²

Pablo Guilherme Espíndola³

Resumo

O presente trabalho objetiva refletir sobre a importância da formação didático-pedagógica do professor universitário para incentivar este tipo de formação entre os professores de Turismo. A enorme influência que o professor representa no processo de ensino-aprendizagem atinge diretamente a qualidade da prestação dos serviços turísticos o que vai repercutir também na competitividade deste setor. Para dar suporte à fundamentação teórica, fez-se uso da pesquisa bibliográfica. Também foi feita uma pesquisa quantitativa através do levantamento estatístico sobre questionários que foram aplicados a estudantes e professores de Turismo da Fargs-RS. Constatou-se que ainda existem professores que entendem que, quem sabe fazer, sabe ensinar e que, os alunos aprendem mais com o professor que sabe utilizar métodos e técnicas pedagógicas, do que com aqueles que dominam unicamente o conteúdo da sua disciplina.

Palavras-chave: ensino superior em turismo; docência universitária; competências didático-pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Estudos feitos sobre os cursos superiores de Turismo mostram que grande parte deles surgiram na década de 1990. A partir de 1997, com a possibilidade de outras instituições, além das Universidades, ofertarem cursos superiores, ocorreu uma grande ampliação dos cursos. Mas conforme Ansarah (2002, p.118), “A abertura indiscriminada de novos cursos superiores não irá conseguir formar mão-de-obra capacitada, o que só será possível com uma permanente melhoria da qualidade do ensino”. Foi pensando em abordar este relevante desafio, que se decidiu pesquisar um dos vieses responsáveis diretamente pela qualidade dos cursos; o professor.

Um dos autores estudiosos em turismo (TRIGO apud ANSARAH, 2002, p.11) deixa claro seu posicionamento com relação à educação ao dizer que, “A educação brasileira, no

¹ Trabalho apresentado ao GT – Outras Interfaces do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

² Aluno do Programa de mestrado em Turismo da UCS (Universidade de Caxias do Sul), tecnólogo em Hotelaria.

³ Aluno do Programa de mestrado em Turismo da UCS (Universidade de Caxias do Sul), tecnólogo em Hotelaria, especialista em Gestão Estratégica de Serviços, especialista em Docência para o Ensino Superior em Turismo e Hotelaria. (pablo.guilherme@terra.com.br)

geral, é muito ruim. (...), isso se reflete na educação superior, inclusive entre os alunos de turismo. (...) e há poucos cursos de especialização ou mestrado capazes de formar docentes para a área”. Esses relatos feitos por um acadêmico do turismo convergem para uma preocupação para com a educação e o ensino. Fica evidente a necessidade de equilibrar a quantidade e a qualidade dos cursos, para garantir uma educação que tenha condições de formar competentes profissionais e pesquisadores do turismo, capazes de elevar a competitividade do setor turístico no Brasil. Acredita-se que um dos elementos-chaves para promover uma educação, dentro destes referenciais citados, está representado na figura do professor universitário. E conforme os testemunhos elucidados, o ensino não anda bem e, conseqüentemente, uma parcela de culpa recai exatamente sobre os professores, tendo em vista a enorme importância que ele representa no processo de ensino-aprendizagem. Sabe-se das dificuldades materiais e de infra-estrutura que estes profissionais encontram para exercer seu ofício. Por outro lado, acredita-se que uma boa formação didático-pedagógica do professor representa uma significativa “ferramenta de trabalho” que dará uma grande contribuição na nobre e desafiante missão de educar jovens, de uma maneira significativa e eficiente. Neste sentido, esta pesquisa bibliográfica e de campo pretende trazer contribuições que evidenciam a importância da competência pedagógica do professor universitário para lecionar, apresentando assim, uma alternativa para melhorar o desempenho da educação no turismo e conseqüentemente da qualidade da prestação dos serviços turísticos. Em nossa pesquisa de campo, fomos até a Faculdades Rio-Grandenses (FARGS), e aplicamos três diferentes questionários. Um para o coordenador do curso de Turismo, um para os docentes deste curso e outro para os discentes que estão cursando o primeiro semestre do curso de Turismo.

1- Formação pedagógica do professor universitário: uma necessidade

Masetto (2003), em seu livro, escreve que devemos refletir sobre a estrutura organizativa do ensino superior no Brasil, que desde seu início sempre privilegiou o domínio de conhecimentos e experiências profissionais como únicos requisitos para a docência nos cursos superiores. Em outras palavras, Cunha (2004, p.3) fala que, “a concepção da docência universitária carrega um desprestígio da sua condição acadêmica, relegando os conhecimentos pedagógicos a um segundo plano e desvalorizando esse campo na formação do docente de todos os níveis, mas, principalmente, o universitário”. Nessa perspectiva, a formação específica para a docência foi compreendida como desnecessária. Bastaria que a pessoa tivesse um bom conhecimento na área para estar habilitada a dar aula.

Um fato que contribui para a desconsideração com relação à docência é a demasiada valorização que as universidades dão à produção acadêmica do professor na hora de contratá-los e promovê-los, em detrimento à competência pedagógica. Isso fica evidenciado nas colocações de Zabalza (2004, p.154), “o que normalmente é avaliado nos concursos de ingresso e promoção são os méritos das pesquisas (...) isso faz com que, embora possa soar contraditório, a docência transforme-se em uma atividade marginal dos docentes”. Num estudo de caso sobre a capacitação docente na área de turismo, no estado do Rio de Janeiro, é possível evidenciar a falta de preparo para lecionar. Foi constatado, segundo as autoras que,

[...] muitos professores entram em sala sem conhecer métodos e técnicas educacionais, princípios de didática, princípios de filosofia e psicologia educacionais, assim como novas tendências educacionais, entre outras. (CATRAMBY, Teresa; COSTA, Stella, 2005, p.33).

Entende-se que tanto a docência, quanto a pesquisa, precisa de capacitação, fato que, também para Zabalza não resta dúvida. Pode-se ratificar essa afirmação expondo as palavras deste autor, que cita “parece que há poucas dúvidas de que a pesquisa requer competências e qualidades profissionais completamente diferentes das exigidas pelo ensino (2004, p.155)”. Em vista disso, Zabalza comenta que,

é freqüente encontrar excelentes pesquisadores que são professores medíocres ou não se comunicam bem, ou utilizam um tipo de discurso muito elevado e complexo, ou mantêm relações conflitantes com seus estudantes, ou não têm tempo suficiente para preparar a aula, ou estão mais envolvidos com os conteúdos que explicam do que com a forma com que seus estudantes os decodificam e assimilam, etc. (2004, p.155).

Apesar disso, conforme Zabalza (2004), são muitos os que defendem a idéia de que para ser bom professor universitário, o importante é ser bom pesquisador. Nas palavras de Zabalza,

ser bom pesquisador é, de fato, importante (...), porém não substitui, nem se iguala (seja em objetivos, habilidades, mentalidade, atuações específicas, seja em conhecimentos necessários) ao fato de ser professor. É claro que o fato de ter um alto nível de excelência como pesquisador não garante que a prática docente seja igualmente um sucesso (2004, p.108).

Não é de se estranhar as freqüentes queixas dos alunos: “o professor sabe um monte, mas não sabe ensinar”. A partir dessas constatações, é possível presumir que o compromisso de fazer com que os alunos aprendam os conteúdos não se trata de tarefa simples e que não requer preparo e treinamento. Conforme Grillo (2005, p.101), “conhecer o conteúdo é condição necessária para ensinar, mas não garante a competência docente”. Essa afirmação é corroborada de uma forma mais estruturada nas palavras de Zabalza, ao citar que,

como atividade especializada, a docência tem seu âmbito determinado de conhecimentos. Ela requer uma preparação específica para seu exercício. Como qualquer outro tipo de atividade profissional, os professores devem ter

os conhecimentos e as habilidades exigidos a fim de poder desempenhar adequadamente as suas funções (2004, p.108).

Desse entendimento, surge uma visão profissional da docência, bem diferente daquela idéia de que, “ensinar se aprende ensinando” ou seja, não é preciso preparar-se para ser docente. Caso o professor não se capacite para ensinar “continuará a ensinar da mesma forma como aprendeu em seu curso de origem, numa evidente relação de subordinação aos conteúdos já estabelecidos” (GRILLO, 2005 p.102). Que tipo de aula pode-se ter com um professor do perfil acima mencionado? Provavelmente, como menciona Grillo (2005), ter-se-á um ensino associado à transmissão de conhecimento onde o próprio professor tem a idéia de que é da competência do bom professor, passar os conteúdos aos alunos. “Há então um ensino centrado no professor especialista, ativo e definidor da situação didática, do qual resulta a passividade discente, sempre prejudicial, a medida que contribui para a dependência e a insegurança do aluno” (GRILLO, 2005 p.102). Nesse caso, ensinar se resume a dar aulas, transmitindo à matéria sem preocupações ligadas à maneira de aquisição de conhecimentos por parte do aluno, nem a construção de sua aprendizagem.

No momento atual, em plena era de grandes mudanças em todas as esferas da sociedade, que exige das pessoas uma postura mais autônoma, de iniciativa, onde o aprender a aprender torna-se uma competência chave para continuar competitivo e atualizado, a prática tradicional de centrar o ensino na transmissão de conteúdos e exclusivamente na figura do professor, não está de acordo com essas mudanças presentes na realidade e tampouco com as exigências na formação dos indivíduos. Em vista disso, é preciso discutir com mais intensidade a questão da formação dos professores universitários.

No que tange a Lei de Diretrizes e Bases referente ao Ensino Superior (1996), o que foi escrito no trabalho da Catramby é conveniente para expor. Ela menciona, de acordo com a LDB, que a preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado. Diante disto, a autora diz ser de conhecimento de todos que,

na pós-graduação a disciplina de metodologia do ensino superior é opcional, e muitas vezes não é oferecida no programa. Existem cursos específicos de Docência em Nível Superior, oferecidos por várias instituições, mas não em todas as localidades do país. No mestrado e doutorado a ênfase maior é para pesquisa e não para técnicas didáticas (2004, p.9).

Novamente aparece um descaso com relação à capacitação para docência e dá-se destaque a formação para a pesquisa, que como já foi ressaltado, requer competências diferentes daquelas exigidas para ensinar.

Conforme Masetto (2003, p.13), o papel de professor universitário “exige capacitação própria e específica que não se restringe a ter um diploma de bacharel, ou mesmo de mestre e doutor, ou ainda apenas o exercício de uma profissão”. Portanto, ter um título de mestre ou até mesmo um doutorado não significa que a pessoa terá competência para ensinar, até porque essas especializações visam formar pesquisadores e não educadores.

Muitos autores da área da educação, entre eles Zabalaza, afirmam que, “Antes do compromisso com sua disciplina, está o compromisso do docente com seus alunos, motivo pelo qual ele deve servir como facilitador, fazendo o que estiver ao seu alcance para que os alunos tenham acesso intelectual aos conteúdos e às práticas da disciplina”(2004, p.169). Fica mais claro perceber que um dos principais compromissos do professor é fazer com que os alunos aprendam o que se propõe a ensinar. Portanto, é imprescindível atribuir à profissionalização docente um foco nos alunos e no modo como o professor pode agir para que os alunos aprendam.

2- Competências Didáticos-Pedagógicas do Professor Universitário

Uma vez destacada a exigente atividade docente, é possível avançar em direção às competências didático-pedagógicas que devem estar presentes no professor universitário. Desse modo, as competências que serão destacadas terão ainda mais sentido e serão legitimamente percebidas como necessárias e merecedoras de serem desenvolvidas.

Nesta pesquisa, a proposta não é abarcar todos os aspectos referentes à questão das competências didático-pedagógicas e muito menos, fazer um aprofundamento sobre as mesmas.

Num estudo sobre a questão da competência pedagógica na formação de professores, as autoras Cerqueira e Santos (2001) concluíram que esta não é estática, pois depende de inúmeros fatores, desde a época, do momento histórico, até dos interesses, dos valores e dos sentimentos da sociedade e das pessoas. Em vista disto, as autoras dizem que a competência pedagógica não é dada, e sim construída com o passar do tempo e na reflexão sobre a própria prática, num movimento dialético de ação-reflexão-ação. Conforme as autoras, é no exercício dessas práticas, que desde já, devem ser entendidas como competência-pedagógica, que os professores vão refletir constantemente sobre o que ensinar, o que aprender, vão buscando e construindo novos conhecimentos que possam dar conta dos complexos desafios que enfrentam no cotidiano escolar (Cerqueira, Costa, 2001, p.100).

Uma questão que deve ficar bem clara é que a prática docente não pode ser apontada como aplicação de modelos, receitas e normas. A natureza da ação docente, como se verificou

ao longo deste trabalho, é bastante complexa e dinâmica. Esta característica a torna uma prática composta de pequenas decisões de diferentes naturezas, conscientes ou não, e que vai exigir o domínio de certas habilidades e competências.

Pontuado agora, de maneira mais “didática”, será listado algumas competências e habilidades necessárias para a prática docente do professor universitário.

Falando sobre algumas competências que devem contemplar a formação docente, Cerqueira e Santos (2001, p.102) destacam as mencionadas pelo educador Pedro Demo. Elas são:

- Capacidade de avaliar processualmente: é a maneira pela qual professores e alunos revêm seu desempenho e atitudes, refletindo neles;
- Capacidade de manejar instrumentos eletrônicos: para trabalhar melhor a transmissão do conhecimento e a socialização das informações e também fazer dos instrumentos eletrônicos componentes formativos e emancipatórios;
- Capacidade de teorizar as práticas, para saber reconstruir conhecimentos a partir delas, inter-relacionando o pensamento da ação reflexiva e mudando, assim, a realidade e a aprendizagem dos professores e alunos.
- Capacidade interdisciplinar para superar visões fechadas e sensorialistas, valorizando na ação coletiva a conjugação dos saberes para uma produção unificada e não apenas a convivência desses saberes;

Outro trabalho que traz significativas contribuições a respeito das competências pedagógicas do professor foi feito por Almeida (2003, p.20). Segundo este autor:

- O professor deve ser um agente competente na aplicação do método científico e do rigor filosófico, com o domínio sobre o desenvolvimento integral do ser humano e sobre o processo de socialização da sociedade, estar atento aos códigos da modernidade com habilidade de acessar e utilizar informações diante dos avanços da informática.

Sem pretender liquidar as competências didático-pedagógicas, ilustramos por fim algumas destacadas por Zabalza (2004). Conforme este autor, os docentes devem se capazes de:

- analisar um tópico até detalhá-lo e torná-lo compreensível;
- observar qual é a melhor maneira de se aproximar dos conteúdos e de abordá-los nas circunstâncias atuais (para isso, os professores devem ter diversas alternativas de aproximação);
- organizar as idéias, a informação e as tarefas para os estudantes;
- saber identificar o que o aluno já sabe e o que não sabe e necessitaria saber.

Muito embora todo cuidado e seriedade que deve haver na formação do professor deve-se em virtude da complexidade e da dinâmica do trabalho docente, o processo de massificação das universidades, que ocorreu nos últimos anos, trouxe consigo o conseqüente aumento da heterogeneidade das turmas (turmas mais numerosas, alunos com diferentes níveis de conhecimento, com maior discrepância de idades, com diferentes condições econômicas, entre outras diferenças). Esta questão, juntamente com o avanço da tecnologia, da proliferação do ensino à distância, do intercâmbio estudantil, representa outros grandes desafios que devem ser trabalhados nos cursos de formação de professores.

3- O Ensino Superior de Turismo no Brasil

O ensino superior de Turismo e suas variáveis tem sido tema de estudo de pesquisadores brasileiros como Ansarah, Teixeira, Trigo, Rejowski, Ruschmann e Denker. Um dos pontos, considerados críticos nas discussões, tem sido a qualificação dos profissionais docentes. Como exemplos pode-se citar Trigo (2000, p.248) quando se refere aos professores dos cursos de turismo. Este diz, “há poucos profissionais capacitados para ensinar”. Em outra obra Trigo acusa essa carência ao fato de que, “há poucos cursos de especialização ou mestrado capazes de formar docentes para a área”. (TRIGO apud ANSARAH, 2002, p.11) Esta também é a percepção de Ansarah, pois ambos comentam sobre a falta de professores, especialmente titulados (mestres e doutores) e com formação na área de Turismo, para lecionar. Sobre esta questão, Reis (2003, p.32) comenta que, “em virtude do caráter multidisciplinar do ensino em turismo, o aluno, não raro, tem aulas com profissionais formado em várias áreas.(...) ainda não há entendimento suficiente para a necessidade de professores na área de turismo”. Encerrando essa questão, vale dizer o que aponta Trigo, “um curso de turismo que não tenha professores formados em turismo e/ou hotelaria ou docentes com experiência razoável em alguma empresa séria do *trade* turístico corre o risco de ‘enrolar’ os alunos e resvalar para a picaratagem” (2000, p.246).

A abordagem seguinte diz respeito exatamente à falta de valorização aos conhecimentos pedagógicos para contratar docentes para o curso de turismo. Em sua pesquisa de dissertação, Gaeta traz uma colaboração a respeito do processo de contratação. Esta educadora cita que,

a maioria desses professores é escolhida entre os profissionais que se destacam por uma bem sucedida atuação nos diversos segmentos da área, partindo do pressuposto de que são capazes de contextualizar, sistematizar e partilhar suas experiências transpondo-as para um eficiente e moderno processo de ensino-aprendizagem (2001, p.20).

Fica evidente perceber a valorização dada à experiência profissional e o descaso que é dado ao conhecimento didático. Se grande parte das instituições de ensino superior não valorizar a formação didática, poderá não haver mais preocupações dos atuais e futuros professores em buscar competências didático-pedagógicas para lecionar e, conforme vimos nos capítulos anteriores, a falta dessa competência impacta no aprendizado do aluno.

A colocação de Ruschmann sintetiza o que acima se procurou evidenciar, isto é, a importância da formação pedagógica. Diz a autora, “encontrar professores que transmitam os conhecimentos específicos, as experiências requeridas e que tenham didática para uma transmissão eficaz constitui um grande, senão o maior, desafio para os dirigentes dessas faculdades”(2002, p. 20). Tal desafio pode ser superado a partir da valorização dos cursos destinados a formarem professores para atuarem no ensino superior, assim como, por dar preferência na contratação de professores que tenham formação na área. A primeira sugestão colocada já foi destaca numa obra de Ansarah que demonstrou preocupação pela capacitação dos professores de turismo. Esta autora escreveu,

mas estamos vendo uma luz no fim do túnel. As Faculdades Senac de Turismo e Hotelaria deram um impulso na tentativa de solucionar este problema, pelo menos na cidade de São Paulo, mediante o curso recém criado de especialização para o ensino superior, Docência para Turismo e Hotelaria (2002, p.63).

Outro ponto a destacar, comentado por Ansarah, que ocorre nos cursos de turismo é que, “os docentes recém-formados ou contratados ainda não possuem quaisquer experiências didáticas” (2002, p.31). Acredita-se que uma formação didático-pedagógica ajudará a evitar essa falta de experiência e contribuirá significativamente para que o futuro professor execute com sucesso a desafiante tarefa requerida ao professor.

Uma das raras obras destinadas exclusivamente ao ensino universitário de turismo foi escrito por três autoras: Margarita Barretto, Elizabete Tamanini e Maria Ivonete P. da Silva. Com relação ao que está sendo discutido, as autoras deixam claro seus posicionamentos quanto à necessidade dos professores possuírem conhecimentos didáticos para lecionar. Isso pode ser verificado na seguinte frase: “já que cabe ao ensino superior transmitir um conjunto relativamente vasto de conhecimentos que não são acessíveis cotidianamente, é preciso desenvolver habilidades específicas na área da didática, para tornar esses conhecimentos presentes, compreensíveis, úteis” (2004, p.85). Novamente, vale resgatar o trabalho de dissertação de Gaeta, tendo em vista que seu trabalho foi focado nos professores dos cursos de Turismo e Hotelaria. Nas considerações finais de sua dissertação, Gaeta coloca: “o professor de turismo/hotelaria deve possuir conhecimentos pedagógicos e dominar métodos de ensino

atualizados de modo a fazer essa transposição de uma maneira interessante, dinâmica e eficiente. Deve saber como ensinar”

4- Pesquisa na FARGS

A Fargs é uma instituição de ensino superior localizada na cidade de Porto Alegre-RS e que, entre vários cursos superiores, oferece o curso de turismo com duração de 8 semestres. A Fargs foi criada no ano de 1994.

4.1- Visão do coordenador e dos docentes

Os questionários foram aplicados e respondidos, entre os dias 8/11/06 à 11/11/06. Do questionário respondido pelo coordenador do curso de Turismo, foi dito que a instituição exige como critério de processo seletivo de docentes a titulação adequada à experiência. No processo seletivo, utiliza-se como ferramenta de avaliação da competência didático-pedagógica a análise do currículo, uma entrevista com a coordenação do curso e é solicitado que o candidato prepare e ministre uma aula demonstrativa. Após ser contratado, o docente passa a ser avaliado através de questionário aplicado aos discentes. Existe também a avaliação (não especificada no questionário o instrumento de avaliação) feita pela coordenação e pela direção, em um processo que, segundo a coordenação do curso, é contínuo no decorrer do semestre.

A coordenadora do curso não concorda com a afirmação de quem sabe fazer, sabe ensinar.

No campo dos docentes, foram entrevistados 19 dos 40 professores da entidade. É importante ressaltar que os 40 docentes da instituição ministram aulas tanto no curso de turismo quanto em hotelaria. A tabela 1 mostra a composição das amostras inicial e final deste estudo.

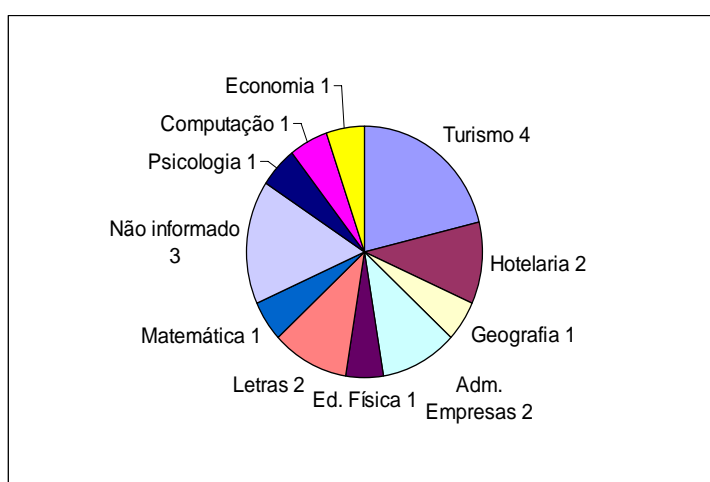
Tabela 1 – Composição da Amostra

<i>Sujeito</i>	<i>Amostra inicial</i>	<i>Amostra final</i>
Alunos 1º semestre	29	25
Docentes	40	19
Coordenador	1	1

Considerando a faixa etária do corpo docente, 10 professores possuem entre 31 e 40 anos, o que representa 53% do quadro de professores, não havendo incidência nas faixas etárias de 20 a 30 anos e de 51 a 60 anos. Os restantes dos professores situam-se na faixa-etária de 41 a 50 anos (42%) e apenas 1 professor tem mais de 60 anos.

Outro item pesquisado foi a formação acadêmica dos docentes, destacando que apenas dois docentes possuem como titulação máxima o doutorado (não sendo em turismo nenhum deles) e oito professores são somente graduados. Sete professores possuem mestrado e dois especialização. Dos 19 professores da amostra, 4 possuem graduação em turismo, representando 21% do quadro docente.

Gráfico 1 – Distribuição de graduação do professor por área



O gráfico acima ratifica a baixa incidência da formação de professores em turismo, assim como, a necessidade de uma atitude interdisciplinar dos professores que, muitas vezes, planejam suas aulas somente com conteúdos dentro dos limites das suas disciplinas, sem fazer vínculos com outras disciplinas, tratando os conteúdos de forma fragmentada, dificultando o entendimento dos alunos.

Quando foi perguntado sobre a importância de possuir conhecimento didático-pedagógico para lecionar, 16 docentes (84%) responderam que é muito importante para lecionar. Nenhum dos professores questionados afirmou que não é importante ter conhecimento didático-pedagógico. Três professores (16%) responderam que nem sempre é importante.

Não basta apenas compreender a importância do conhecimento didático-pedagógico, é preciso ir além e atualizar-se constantemente para lecionar. Este aspecto também foi abordado nos questionários, buscando saber de qual maneira os professores se atualizavam. A pergunta foi estruturada para múltipla escolha, por se entender que apenas uma forma de atualização pode ser insuficiente para o docente sentir-se preparado. Entre as opções de atualização, os docentes consideraram que a leitura de livros sobre educação, a participação em cursos presenciais e pesquisas na Internet, respectivamente, são as melhores formas de se obter

conhecimento para lecionar. Em contrapartida, a formação de grupos de estudo, participação em palestras e leitura de revistas, respectivamente, são as formas menos utilizadas para atualizar-se didaticamente. A tabela 2 indica as formas de atualização profissional e frequência das respostas dos docentes.

Tabela 2 – Como você se atualiza para lecionar

Formas de atualização profissional	Frequência
Leitura de livros sobre o tema	19
Cursos presenciais	14
Intenet	13
Congressos	12
Capacitações oferecidas pela instituição	9
Grupos de estudos	2
Palestras	1
Revistas	1
Sem tempo para atualização	0

Analisando a questão central deste trabalho que é o questionamento de quem sabe fazer, sabe ensinar, é possível afirmar que 69% dos professores da instituição em estudo discordam desta afirmativa. Mas houve 5 professores (26%) que concordam com a sentença e 1 professor optou por responder que nem sempre concorda.

Também foi perguntado ao professor o que ele acreditava que o aluno mais valorizava no professor e qual era o maior compromisso do docente. 10 professores (53%) consideram que o discente valoriza a experiência prática e teórica na área que leciona. Houve 4 docentes (21%) que responderam que tanto a experiência prática e teórica na área que leciona quanto a capacidade de ensinar o conteúdo que leciona são aspectos mais relevantes para o aluno (resposta dupla). 5 professores (26%) responderam a capacidade de ensinar o conteúdo que leciona. No segundo item, 69% dos docentes (13) consideram seu compromisso maior o aprendizado do aluno, mais do que com a ciência ou com a instituição que leciona. 5 professores atribuíram que seu compromisso maior é com a transmissão do seu conhecimento e da sua experiência.

Tabela 3 – Percepção do que o aluno mais valoriza no professor

Aspectos	Incidência	Percentual
Experiência prática e teórica na área que leciona	10	53%
Capacidade de ensinar o conteúdo que leciona	5	26%
Resposta dupla	4	21%
Totais	19	100%

4.2- Visão dos Discentes

Diferentemente da amostragem dos docentes, a amostragem inicial e final dos discentes ficaram muito próximas. Dos 29 alunos matriculados no primeiro semestre do curso de turismo, 25 responderam as questões, correspondendo ao elevado índice de 86%.

Analisando os dados gerais como distribuição por gênero, faixa etária e ocupação profissional, pode-se constatar a maciça incidência feminina (76%), em uma relação de três mulheres para cada homem. Na faixa etária, visualizou-se que o intervalo entre as idades de 26 a 29 anos foi a de maior incidência, com 9 alunos. Em contrapartida, não havia aluno menor de 18 anos matriculado no curso. A idade média dos alunos do primeiro semestre foi de 25 anos. Referente à ocupação profissional, foi possível comprovar o perfil dos alunos da FARGS, pois 88% dos alunos (22) trabalham durante o dia e estudam à noite.

Com relação ao desempenho dos docentes, 72% dos alunos (18) consideram que o corpo docente apresenta boa qualidade didática-pedagógica. Pela avaliação dos discentes, o aspecto mais valorizado no docente é a associação da experiência teórica com a prática da área que leciona, atingindo o índice de 56% entre os alunos questionados. O aspecto capacidade de ensinar foi considerado o mais importante em um docente por 40% dos alunos. Um aluno acabou marcando duas opções nesta questão. As tabelas 4 e 5, respectivamente, ilustram os dados acima mencionados.

Tabela 4 – Avaliação do corpo docente

Qualificação	Incidência	Percentual
Excelente	1	4%
Boa	18	72%
Razoável	5	20%
Sem qualificação	1	4%
Total	25	100%

Tabela 5 – Aspectos valorizados no docente

Qualificação	Incidência	Percentual
Experiência teórica e prática	14	56%
Capacidade de ensinar	10	40%
Resposta dupla	1	4%
Total	25	100%

A aprendizagem foi questionada aos discentes, tanto nos aspectos que mais facilitam, quanto nas maiores dificuldades de aprendizagem. Os alunos consideram que os docentes que

conseguem elaborar aulas dinâmicas e também que trazem para a sala de aula as suas experiências vivenciais de mercado, mais facilitam no processo de aprendizagem. A falta de técnicas e metodologias atraentes com 44% e a ênfase na teoria em detrimento a prática (32%) compõem o conjunto das maiores dificuldades de assimilar o conhecimento. A questão da efetividade da aprendizagem foi constatada junto aos alunos, onde a maioria afirmou que aprendeu mais com os professores que utilizavam técnicas e métodos pedagógicos frente aos docentes que dominavam o conteúdo. As tabelas 6 e 7 apresentam, respectivamente, os índices de facilidade e dificuldade de aprendizagem e aprendizagem efetiva.

Tabela 6 – Facilidades e dificuldades no aprendizado

Aspectos	Facilidades		Dificuldades	
	Incidência	Percentual	Incidência	Percentual
resposta dupla	1	4%		
domínio de conteúdo	2	8%		
exemplos vivenciais	10	40%		
aulas dinâmicas	10	40%		
interação com alunos	2	8%		
desconsideração pelo aluno			1	4%
falta técnicas e metodologias atraentes			11	44%
professor desmotivado			5	20%
ênfase em teoria e pouca prática			8	32%
Total	25	100%	25	100%

Tabela 7 – Aprendizagem efetiva

Aspecto	Frequência	Incidência
Professor com domínio de conteúdo	6	24%
Professor que utiliza técnicas e métodos pedagógicos	19	76%
Total	25	100%

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com respaldo da fundamentação teórica, fica manifesto a rejeição à idéia de que se aprende a ensinar ensinando e que ter vocação é suficiente para lecionar. Ressalta-se também que, não se pode dar um caráter amadorístico à docência, que não se pode tornar o ensino uma atividade intuitiva, acrítica e improvisada. Diante do que foi apresentado, defende-se a idéia de que a docência deve ser vista como uma atividade profissional, isto é, que requer uma formação específica. A partir desse entendimento e de uma busca séria pela competência

pedagógica, acredita-se que os professores ficarão mais bem preparados para realizarem um ensino de melhor qualidade, que resulte em uma formação que atenda, o mais próximo possível, às expectativas da sociedade, do mercado e dos próprios alunos. Portanto, será através de um processo formativo que os professores deverão construir seu conhecimento didático-pedagógico para lecionar com competência, e por conseqüência, esta capacitação será um dos fatores-chaves à competitividade do setor turístico. Sendo assim, a qualidade da capacitação deve ser uma das prioridades das entidades públicas e privadas ligadas diretamente a educação.

Nossa pesquisa ratificou a importância da qualificação docente quando apurou que 76% dos alunos dizem que aprenderam mais com os professores que sabiam utilizar métodos e técnicas didático-pedagógicas para lecionar, em detrimento aos professores que apenas dominavam e transmitiam o conteúdo que lecionam. Corrobora com essa constatação outro resultado que aponta que os alunos atribuem facilidades de aprendizado quando os professores elaboram aulas dinâmicas, bem diferentes daquele estilo tradicional baseado na transmissão de conhecimento.

A preocupação com o conhecimento didático-pedagógico para lecionar se faz presente de forma significativa por quase todos os professores pesquisados. No entanto, mesmo compreendendo esta importância, os docentes não foram unânimes quanto a discordância da afirmativa: quem sabe fazer, sabe ensinar. O mesmo número de professores (26%) que considerou verdadeira a sentença, correspondeu àqueles que acreditam que o principal compromisso do professor é com a transmissão do conhecimento, ou seja, com uma atividade que requer apenas o domínio do conteúdo.

Na instituição pesquisada, 72% dos alunos que responderam o questionário, avaliaram como boa a qualidade didático-pedagógica dos professores. Este número elevado correspondeu a mesma importância que os docentes deram ao conhecimento didático-pedagógico, assim como, com a elevada porcentagem de professores que disseram que se atualizam em assuntos ligados à docência, fazendo cursos presenciais. Foi justamente esta vinculação, da necessidade de se fazer um adequado preparo dos professores para lecionar que culminará numa melhora na formação dos bacharéis de turismo, que este trabalho procurou contribuir através da pesquisa teórica e quantitativa.

Fica registrado que o ensino de turismo necessita muito mais do que um mero profissional ou bacharel da área para lecionar. Os cursos superiores de Turismo precisam de um educador que tenha uma formação e experiência na área do turismo e imprescindivelmente uma formação didático-pedagógica para tal fim, de modo que possa

fazer do processo de ensino-aprendizagem uma ação realmente significativa e de valor para o aluno. Caso contrário, poderemos ter nas Universidades inúmeros mestres, doutores, experts em turismo, porém sem competência alguma para fazer com que o aluno aprenda o que se propõem a ensinar.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Ângela Maria de Menezes. **O ser docente**. Revista do Ensino Superior. São Paulo: p.20-35, Set. 2003.
- ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria**. São Paulo: Aleph, 2002.
- BARRETO, Margarita; TAMANINI, Elizabete; SILVA, Maria I. P. **Discutindo o ensino universitário de turismo**. Campinas: Papirus, 2004.
- CATRAMBY, T. C. V.; COSTA, S. R. R, Estudo de caso sobre a capacitação docente na área de turismo no estado do Rio de Janeiro. **Caderno Virtual de Turismo**. n.16, p.21-38, junho, 2005.
- CATRAMBY, Teresa C. V. Capacitação docente como fator de qualidade do setor de educação em turismo e hospitalidade. In: Encontro Nacional de Turismo com Base Local, 2004, Curitiba. **Anais**. Do VIII ENTBL, 2004. p.1-16.
- CERQUEIRA, Maria de Lourde C.B; SANTOS, Solange M.M. Noção de competência na formação de professores. **Sitientibus**, Feira de Santana, n.25, p.91-115, jul-dez. 2001.
- CUNHA, M. I. Inovações pedagógicas e a reconfiguração de saberes no ensinar e no aprender na universidade. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2004, Coimbra. **Anais do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**, 2004.
- GAETA, Maria Cecília. **Diagnóstico da atuação docente dos professores universitários em turismo/hotelaria: uma perspectiva de otimização**. São Paulo: PUC-SP, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.
- GRILLO, Marlene C; MATTEI, Patrícia. Saberes docentes, identidade profissional e docência. In: ENRICONE, Délcia. **Educação Superior: vivências e visões de futuro**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.
- MASETTO, Marcos T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.
- REIS, Jarlene R. Educação Superior em Turismo: a situação no Brasil. In: BAHL, Miguel. **Mercado Turístico: área de atuação**. São Paulo: Roca, 2003.
- RUSCHMANN, Doris. **Turismo no Brasil: análises e tendências**. Barueri: Manole, 2002.
- TRIGO, L.G.G. A Importância da Educação para o Turismo. In: LAGE, B.H.G.; MILONE, P.C.(Org.). **Turismo, Teoria e Prática**. São Paulo, Atlas, 2000.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. Campinas: Papirus, 1998.
- ZABALZA, Miguel A. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonista**. Porto Alegre: Artmed, 2004.